

## A LITERATURA INFANTIL ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DO PROGRAMA “CONTA PRA MIM”: TEXTO LITERÁRIO OU PEDAGÓGICO?

Vitória Monique da Silva Santos <sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo realizar uma análise individual e comparativa das versões do conto “Os músicos de Bremen” de Chico Buarque de Holanda e a oferecida no programa “Conta Pra Mim”, do Ministério da Educação sob ação da Política Nacional de alfabetização (PNA). Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e documental, em que busca identificar os conceitos de literatura infantil presente nas duas versões a fim de problematizar a versão disponibilizada pelo MEC. Nota-se que o planejamento do Programa ignora o conceito de literatura infantil e retrocede as pesquisas realizadas na área com obras em que predominam o moralismo, de caráter unicamente pedagógico e que não estimula em nada o pequeno leitor, além de trazer à tona o risco de perpetuar o estigma relacionado à leitura. Discute sob o viés da proposta do Programa, que as práticas de Literacia Familiar desconsideram a realidade das famílias brasileiras e relativizam a mediação docente tão importante para análise crítica e escolha das obras a serem trabalhadas com as crianças. As análises permitem inferir que esse programa, com seu caráter ideológico conservador, propaga através dessas obras, valores moralizadores, imediatistas com seus finais felizes demagógicos que não permite ao pequeno leitor a indagação e subjetividade, presentes no real texto literário. Conclui-se que as obras ofertadas pelo MEC propagam a finalidade de reprodução de uma população alienada que foi ensinada a apenas obedecer.

**Palavras-chave:** Os músicos de Bremen, Conta Pra Mim, Política Nacional de Alfabetização, Literatura infantil.

### INTRODUÇÃO

Temos todas duas vidas:

A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,  
E que continuamos sonhando, adultos num substrato de névoa;  
A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,  
Que é a prática, a útil,  
Aquela em que acabam por nos meter num caixão.

Na outra não há caixões, nem mortes,  
Há só ilustrações de infância:  
Grandes livros coloridos, para ver mas não ler;  
Grandes páginas de cores para recordar mais tarde.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de **Letras Portugêses** da Universidade Estadual – PB e do Curso de **Pedagogia** do Centro Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU CG, [vitoriamoniquedas@gmail.com](mailto:vitoriamoniquedas@gmail.com);



Inicia-se este trabalho, com os saudosos versos escrito por Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, publicado na poesia “Dactilografia”, a fim de destacar as primeiras relações que os leitores possuem com os livros guiados através das obras de literatura infantil. Dessa forma, ressalta-se a importância não só da democratização do acesso aos livros infantis, mas também como o conteúdo oferecido nessas obras devem ser devidamente analisados, visto que é um dos primeiros contatos literários que as crianças possuem e tais experiências são de extrema relevância para o seu desenvolvimento pessoal e pedagógico. Tal afirmação pode ser assegurada com as lembranças da infância comparadas com a vida adulta do eu-lírico da poesia acima, tendo em vista que apesar de ser uma pessoa adulta, as memórias literárias que foram extraídas de livros infantis, permanecem na vida conscientemente do indivíduo como boas lembranças de utopia de uma vida perfeita.

Nesse sentido, reitera-se a importância da escola e da família ofertar boas obras literárias infantis situadas dentro da priorização dos critérios estéticos (Cadermatori, 1991), que permitam ao leitor a ludicidade, criatividade, imaginação, subjetividade, ficção, etc. Entretanto, foi desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC) no ano de 2019, o projeto intitulado “Conta pra mim”, com intuito principal de estimular a Literacia Familiar através da disponibilização gratuita de livros destinadas ao público infantil, que por sua vez apontam traços unicamente pedagógicos (CADERMATORI, 1991), o que os distanciam da verdadeira face literária e abre um leque de questionamentos não só das obras ofertadas, mas também como o Programa em si.

Dessa forma, este trabalho foi desenvolvido pautado na identificação e problematização acerca do conceito de literatura infantil que está sendo compartilhado e abordado no Programa Conta Pra Mim, também como na análise comparativa dos textos “Os saltimbancos” de Chico Buarque e “Os músicos de Bremen” disponibilizado pelo Programa Conta pra Mim, a fim de identificar se existe diferenças dos critérios literários abordados em ambos, apesar de estarem separados pela distância temporal. Além disso, pretende-se discutir sobre a transferência de responsabilidade única da família através da Literacia Familiar.

Para isso, foi utilizado como metodologia a pesquisa documental, na qual foi desenvolvida a análise textual da obra “Conta Para Mim”, através da discussão pautada por estudiosos como Cademartori (1991), Coelho (2008), Azevedo (1999), que discorrem sobre a literatura infantil sob perspectiva crítica e social, que visa desconstruir ideias estabelecidas previamente no senso comum, o que resulta na síntese conclusão de que literatura infantil não é besteira.

## 2.0 REFERENCIAL TEÓRICO

O programa foi lançado em 2019 pelo Plano Nacional de Alfabetização (PNA), através da Portaria MEC nº 421, de 2020 e afirma ter como intuito a ampla promoção da Literacia Familiar sob o argumento de que “a aprendizagem da linguagem oral, da leitura e da escrita começa em casa, na convivência entre pais e filhos.” Além disso, elencam como público-alvo “todas as famílias brasileiras, tendo prioridade aquelas em condição de vulnerabilidade socioeconômica.”

No entanto, aparenta que o Programa desconhece a realidade dos brasileiros, principalmente, daqueles que elencaram como público-alvo, tendo em vista que um dos principais recursos que são necessários para ter acesso a esses materiais, seria um dispositivo com acesso à internet. E é justamente nessa linha de raciocínio que trago uma matéria do ano de 2022, publicada pelo G1 com base numa pesquisa realizada pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) que afirma “Quase 10 milhões de brasileiros passaram a viver em situação de pobreza de 2019 a 2021. É quase toda a população de Portugal.” Nessa mesma matéria possui o recorte de uma fala de uma dona de casa: “Meus filhos são todos pequenos, e às vezes eu deixo de comer para dar para eles. Cansei de fazer isso. Tirar da minha boca e dar para eles comerem, para eles não dormirem com fome”. Com isso, trago a reflexão: será mesmo que essas famílias que não possuem condições básicas, como alimentação, irão possuir recursos tecnológicos para acessar essas obras? Ou até mesmo terão interesse em buscar promover essa Literacia Familiar com os seus filhos sem terem o que comer? A resposta é clara e objetiva: não.

Além disso, temos outro fator importante a ser esclarecido: o acesso que os brasileiros possuem à internet. Conforme publicado pelo G1: “Em 2021, 28 milhões de pessoas no Brasil não usaram a internet, diz IBGE. Segundo a Pnad Contínua, o motivo mais citado pelas pessoas que não acessaram a internet foi não saber usar a tecnologia. “Falta de interesse e preço alto do serviço também estão entre as respostas mais comuns.” Logo, torna-se quase impossível afirmar que o Programa contemplará *todas as famílias brasileiras*, conforme citado pela PNA, visto os fatores mencionados.

Nesse sentido, o acesso a todos é uma falácia, quando contrastado à realidade brasileira, atravessada pela desigualdade, pelo descaso governamental, pelo racismo estrutural, pela violência. (RAMALHETE, 2020, pag.157).

## 2.1 AFINAL, O QUE É LITERATURA INFANTO-JUVENIL?



Com início em meados do século XX, a literatura infanto-juvenil nasce no berço da Primeira Revolução Industrial, caracterizada pela transição feudal para o capitalismo, foi a pioneira na fragmentação do trabalho através da utilização de máquinas, ou seja, dentro de um ambiente fabril. Nesse contexto histórico-social, as crianças também desempenhavam funções de trabalho dentro das fábricas, com a mesma carga horária exaustiva dos adultos.

Dessa forma, com a urbanização e a industrialização, a criança foi esquecida, tornando-se um precoce aprendiz Kishimoto (2001), visto que naquela época a criança não era vista como um ser humano em desenvolvimento, mas sim, como um adulto em miniatura.

Esse cenário, irá refletir também nas obras divulgadas como “infantis”, que na verdade, eram obras de literatura popular destinada aos adultos que foram “adaptadas” para o público infantil com a finalidade de aplicar conceitos de valores ou padrões, para que a criança pudesse desenvolver atitudes e postura precocemente de adultos, e acompanharam também o mito, a lenda e o maravilhoso. (COELHO, 2006).

Sob essa ótica, a literatura infantil encontra-se situada nos critérios pedagógicos e estéticos. (CADERMATORI, 1991). O critério pedagógico é caracterizado pela preocupação de ensinar algo ou valores com a apresentação do uso demagógico do final feliz, que em obras poéticas, como o poema “A borboleta” de Vinicius de Moraes publicada em 1904 numa coletânea de poemas infantis, é totalmente perceptível esse caráter moralizador, visto que o enredo é voltado a um diálogo que o filho estabelece com sua mãe após recolher uma borboleta no jardim e querer guardá-la em um quadro para pendurá-la na sala, que imediatamente o reprime e utiliza-se de expressões como: “Queres ser um assassino?”, “(...) na estima crescestes / De tua mãe adorada...”, etc. Além disso, observa-se na obra traços de moral familiar e intertextualidade de ensinamentos religiosos cristãos e linguagem rebuscada que seria de difícil entendimento para o pequeno leitor; já os critérios estéticos, prioriza os recursos expressivos da linguagem e estimula o imaginário sem a preocupação didática com a aprendizagem imediatista, ou seja, são obras que contemplam a subjetividade, a imaginação, a construção do lúdico dentro de cenários ficcionais ou não. A exemplo disto, temos a obra “Lé com Cré”, do autor José Paulo Paes publicada em 2008, na qual contém uma poesia chamada “Esperteza”, que estimula o lúdico e a imaginação no leitor, não só através dos recursos visuais, mas também através do jogo com as palavras “camaleão, leão e camelo”, tal brincadeira baseia-se no processo de formação da palavra. A musicalidade da poesia também é construída através das rimas.

Dessa forma, a construção de obras literárias voltadas ao público infantil se deu a partir da priorização de critérios pedagógicos, retomando o pensamento de que a criança era vista

como um adulto em miniatura que precisava de algo que estabelecesse seriedade e amadurecimento precoce à sua imagem. Encontramos isso claramente, em contos dos Irmãos Grimm, como por exemplo, a tradicional e clássica história de Chapeuzinho Vermelho que desobedeceu às ordens da mãe de não se desviar do caminho que levava a casa de sua avó, e como consequência disso, acabou sendo engolida pelo lobo junto com a sua avó, mas no final o caçador salva as duas e estabelece o demagógico do final feliz, mas com a marca moralizadora de que as crianças devem ouvir os seus pais.

Contudo, ao passar do tempo esses critérios pedagógicos foram dando espaço para obras voltadas para critérios estéticos, como a conhecida coletânea de obras escrita por J.K Rowling como Harry Potter. Conforme dito anteriormente, os critérios estéticos lidam com a valorização da subjetividade, diversidade, interrogações, dentre outros; vale ressaltar que os critérios pedagógicos silenciaram esses elementos estéticos nas obras por muito tempo. (CADERMATORI, 1991). Ademais, é nessa perspectiva que se defende os critérios estéticos nas obras infantis, pois de acordo com Cadermatori “Somente vozes entrecruzadas podem oferecer a uma pergunta perfeita, a relatividade de respostas.”

Por conseguinte, é imprescindível retratar como a literatura infantil no Brasil teve uma enorme contribuição desenvolvida por Monteiro Lobato através da mediação da cultura estrangeira que já era presente, com a valorização do cenário brasileiro, além da quebra com os critérios pedagógicos, trouxe a abertura para discussão de questões sociais em suas obras. Além da quebra com os critérios pedagógicos. (CADERMATORI, 1991). Por isso, Monteiro Lobato é considerado “(...) a nossa vanguarda, antes de essa palavra ganhar as conotações que a marcaram a partir de 1922. Vanguarda que não seguia nenhum programa já estabelecido, caracterizando-se pelo risco da inovação, da aventura da descoberta pessoal” (CADERMATORI, 1991).

Atualmente, as obras que são comercializadas são guiadas pelos dois critérios estéticos e pedagógicos. Desse modo, estes dois sistemas influenciaram e influenciam ainda hoje na produção literária para crianças e jovens no modo em que, ambos possuem sua popularidade no meio literário, visto que a escolha do sistema partirá de acordo com o público, na tendência do mercado. Nesse sentido, quando se trata de obras para adolescentes como o best seller “Harry Potter” o sistema literário será mais vendido, mas quando a escolha de compra for focada no sistema escolar, obras de critério pedagógico serão escolhidas. De forma geral, esses sistemas influenciam nas obras conforme a intenção do leitor.

Feito essa delimitação acerca do que os teóricos falam sobre o que é a literatura infantil e toda a sua história, a seguir, voltaremos ao nosso foco inicial que seria realizar a análise

comparativa das adaptações realizadas por Chico Buarque de Holanda e a oferecida pelo MEC, do conto “Os músicos de Bremen”, a fim de identificar qual critério está estabelecido na obra do MEC.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, nota-se que ambas as versões possuem diferenças que podem ser identificadas a olho nu, como: presença de musicalidade (versão de Chico Buarque), presença de imagens lúdicas (versão do MEC), desfecho diferente (versão de Chico Buarque), dentre outros. Nesse sentido, apresentarei essas características separadamente.

A versão disponibilizada pelo MEC possui caráter pedagógico com o uso demagógico do final feliz. Nesse sentido, o enredo se constrói a partir da saída do burro que foi dispensado pelo seu patrão devido a sua ineficácia no trabalho de cargas decorrente da idade já avançada, com isso, o burro foi em busca de construir uma carreira musical na cidade de Bremen e ao decorrer do caminho percorrido, encontrou outros animais, sendo eles respectivamente, o cão, o gato e o galo. Vale destacar que todos os personagens que foram encontrados ao longo do caminho do burro possuem a mesma história de vida, tendo em vista que seus donos tentaram ou iriam sacrificá-los mediante ao envelhecimento deles, que o tornaram ineficazes. Dessa forma, a aproximação dos personagens se deu devido a semelhança de suas trajetórias e também por não terem mais pra onde ir, e isso fez com que eles se juntassem em busca de formar uma banda na cidade de Bremen. No entanto, com a chegada da noite, decidiram descansar na floresta, mas o galo avistou de longe uma luz que saía de uma casa e isso fez com que os animais fossem em direção à casa, mas chegando lá se deparam com ladrões e os animais montaram um plano que conseguiu fazer com que os ladrões saíssem correndo da casa. Porém, quando os animais foram dormir os ladrões retornaram e um deles entrou na casa e foi surpreendido pelo ataque dos animais: o gato arranhou o seu rosto, o burro deu um coice, o cão mordeu sua perna e o galo cantou desesperadamente. Isso fez com que “o ladrão escapou em disparada e disse aos demais que uma bruxa arranhou seu rosto, um homem esfaqueou sua perna, um monstro lhe deu pauladas, e um juiz ordenou que os soldados o conduzissem ao cárcere.” Assim, o conto foi encerrado com a decisão dos animais de viverem nessa casa e findou-se no felizes para sempre.

Já a versão escrita por Chico Buarque possui o enredo um pouco diferente, dado pelo início do conto que parte de uma decisão do jumento de ir embora após ser chamado de “mula preguiçosa” por não conseguir carregar quinhentos quilos de pedra devido a sua idade já

avançada. O jumento possui uma expressividade enorme, na qual aparenta ter mágoas e ressentimentos pelo tratamento injusto que sempre recebeu de seu dono, visto que nunca foi lhe ofertado nem sequer cenouras como forma de agradecimento pelo intenso trabalho prestado. Com isso, o jumento decidiu ir à cidade de Bremen para virar músico e traz à tona um pensamento vulgar que a sociedade possui dos artistas “Quando alguém não sabe fazer mais nada, nada mesmo, pode ser artista.”. Durante o percurso, o jumento encontra outros animais que foram dispensados pelos patrões e se dispõe a formar uma banda com eles, sendo eles: o cachorro, a galinha e a gata.

Vale ressaltar alguns aspectos desses personagens secundários, pois o cachorro é uma figura que representa pessoas submissas, tendo em vista que ele trata os outros animais com cordialidade e sempre colocando-os numa posição de superioridade. Outro ponto que merece atenção é a forma como o personagem é citado na obra, nota-se que em falas descontraídas é referenciado como “cachorro”, mas na maioria das falas que possuem cordialidade e reverência ao outro, ele é citado como “cão”.

Ademais, duas personagens que aparecem no gênero feminino são a galinha e a gata, personagens que nas versões dos Irmãos Grimm e do MEC são no gênero masculino. Além disso, a trajetória de vida das personagens também possuem suas diferenças com base nas outras versões, visto que a gata foi expulsa de casa após sair para se aventurar e cantarolar (versão de Chico Buarque), já em outras versões o gato foi expulso por não caçar mais ratos (versões dos Irmãos Grimm e do MEC) ; a galinha iria virar canja, pois já estava velha e não conseguia pôr ovos ( versão de Chico Buarque), já o galo iria ser morto e servido aos hóspedes que iriam à casa de seu dono (versões dos Irmãos Grimm e do MEC). Nesse sentido, tendo em vista os acontecimentos com as duas personagens femininas, ressalta-se o controle que a sociedade patriarcal impõe sobre as mulheres, visto que o dono expulsou a gata de casa por ela ir se aventurar reflete a sociedade que temos até os dias atuais, na qual as mulheres não podem ser livres e decidirem como acha melhor levar suas vidas. Já o caso da galinha, expõe também um problema da sociedade patriarcal e machista que visa a importância da mulher apenas como meio de reprodução e quando a mesma não pode mais ter filhos, ela é descartada facilmente.

Por fim, a maneira como o conto caminha ao seu encerramento é diferente do exposto na versão do MEC e até mesmo dos Irmãos Grim, pois os animais não vão dormir na floresta, encontram uma casa e pela janela observam que dentro da casa está os patrões deles e partir disso, eles decidem invadir a casa para comer e assustam os patrões que saem correndo do local, mas depois retornam no dia seguinte e são surpreendidos pelo ataque dos animais novamente. Conforme é descrito o ataque aos patrões, faz-se referências a fala de um ladrão após sair

correndo, sendo elas: “que tem uma bruxa que te arranha bem na cara.” e “que tem um diabo te mordendo os calcanhares.” O final do conto não possui o demagógico do final feliz, apenas retrata a organização de como será dividido o trabalho entre os animais a fim de auxiliar no convívio entre eles e a conclusão de que ficaram na casa e não irão à cidade de Bremen.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, evidencia-se que as versões produzidas por Chico Buarque de Holanda e a disponibilizada pelo MEC possuem diferenças emblemáticas que os inserem em, respectivamente, caráter estético e caráter pedagógico. Enquanto a versão disponibilizada pelo MEC é pobre de recursos que chamem a atenção do público leitor, apesar de ser uma adaptação mais “fiel” ao enredo da versão dos Irmãos Grim, esta adaptação foi severamente reduzida, visto que os personagens não possuem grande expressividade, não demonstram seus próprios pensamentos e sentimentos, muito menos relatam críticas sociais. As ilustrações disponibilizadas também não auxiliam muito no imaginário infantil e em alguns recortes não acompanham o percurso da história, logo, não prende a atenção do pequeno leitor; A versão de Chico Buarque sofre modificações até mesmo no seu título que foi chamado de “Os Saltimbanco” e é situado como um texto teatral, repleto de musicalidade, ludicidade e dá vida aos personagens. Além disso, os personagens assumem papéis sociais e fazem críticas também que podem instigar o leitor ao pensamento para além do senso comum, e apesar de não possuir ilustrações, a obra é rica em recursos literários, o que faz com que desperte a imaginação do leitor.

Conclui-se que é necessário que o MEC disponibilize obras infantis pautadas em critérios estéticos, pois elas despertam no pequeno leitor a imaginação, a criticidade e estimulam o exercício contínuo da leitura. Apesar de parecer uma coisa simples, a escolha certa das obras a serem ofertadas impactam na formação de cidadãos conscientes, leitores e acima de tudo que possuam o senso crítico a ponto de não se deixarem ser manipulados, e sob essa perspectiva, torna-se imprescindível a participação do corpo docente na escolha de obras infantis. Ademais, encerro minhas considerações com um trecho da fala do jumento da obra de Chico Buarque ‘OS HOMENS VOLTAM SEMPRE’. Lembrem-se disso, é preciso estar sempre de olhos abertos. Nesse sentido, faz-se necessário manter-se atento a todo o tempo, pois os poderosos nunca desistem de tentar formar uma massa alienada.

## REFERÊNCIAS

- BILAC, Olavo. Poesias infantis. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia, 1904. (p.17-19)
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. Conta pra Mim: guia de literacia familiar. - Brasília: MEC, SEALF, 2019b.
- BRASIL. Portaria 421 de 23 de abril de 2020. Institui o Conta pra Mim, programa de literacia familiar do Governo Federal. Brasília: Ministério da Educação. 2020a. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-421-de-23-de-abril-de-2020-253758595>>. Acesso em: 01 ago.2022
- BRASIL. Subsecretaria de Tecnologia da Informação e Comunicação. Ministério da Educação. Conta pra Mim. 2020b. Disponível em: <http://alfabetizacao.mec.gov.br/contapramim>. Acesso em: : 01 ago.2022
- CADEMARTORI, Lígia. O que é literatura infantil. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991;
- COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2002. HUNT, Peter. Crítica, teoria e literatura infantil. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010. ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. Literatura infantil brasileira: história e histórias. 6.ed. São Paulo: Ática, 2007;
- HOLANDA, Chico B de. Os Saltimbancos. 5º Edição. São Paulo: Global, 2002.
- FIGUEIREDO FILHO, R. M. Os músicos de Bremen. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização - Sealf. Brasília, DF: MEC/Sealf, 2020a
- KISHIMOTO, Tizuko. M. Brinquedos e matérias pedagógicos nas escolas infantis. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.27, n.2, p.229-245, jul./dez.
- LUÍS CAMARGO. “A Poesía Infantil No Brasil.” *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, vol. 27, no. 53, 2001, pp. 87–94. *JSTOR*. Disponível em: < <https://doi.org/10.2307/4531150> >. Acesso em: 12 de jul.2022
- Número de pessoas em situação de pobreza no Brasil bate recorde, mostra pesquisa.G1, 2022 Disponível em: < <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/06/29/numero-de-pessoas-em-situacao-de-pobreza-no-brasil-bate-recorde-mostra-pesquisa.ghtml> >. Acesso em: 12 set. 2022.
- PAES, José Paulo. Lé com Cré. 5. ed. Ática, 2008. (p. 11-12)
- RAMALHETE, Mariana Passos. O Retrocesso empurra a porta: A Literatura Infantil e o Programa Conta Pra Mim. Caderno de Letras, Pelotas, n. 38, pp.151-167, set-dez 2020.

Disponível

em:

<

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php.cadernodeletras/article/view/19827> >. Acesso em: 20 ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i38.19827>.

Santana, Juliana Silva Loyola. Algumas reflexões sobre poesia infantil. Itinerários: Revista de Literatura, n. 4, 1992. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107078>>. Acesso em: 14 de jul.2022

SILVA, F. D. de A. .; SOUZA, V. A. .; SIGNORELLI, G. . Programa “Conta pra Mim”: a proposta da “educação literária” no cerco da Política Nacional de Alfabetização. **Revista Educação e Políticas em Debate**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 698–715, 2021. DOI: 10.14393/REPOD-v10n2a2021-62475.

Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/62475>. Acesso em: 18 ago. 2022.

SILVA, Victor Hugo. Em 2021, 28 milhões de pessoas no Brasil não usaram a internet, diz IBGE. G1,2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/09/16/em-2021-28-milhoes-de-pessoas-no-brasil-nao-usaram-a-internet-diz-ibge.ghtml> >. Acesso em: 12 set. 2022.